

SOMANDO ENTRE DIFERENÇAS: sobre a raiva aliada à luta

Larissa Lombardi Moreira¹

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo estabelecer um diálogo com o texto "Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo", de Audre Lorde, de modo a construir reflexões sobre o tema evidenciando a atualidade da obra mesmo 40 anos após sua publicação. Trata-se de pensar o lugar da raiva enquanto agente impulsionador de uma luta feminista que seja antirracista e anticapitalista. Amparado na argumentação de Sojourner Truth e Angela Davis, o texto aborda a questão do lugar das mulheres — brancas e não-brancas — dentro do movimento, e pretende, através de uma perspectiva interseccional, elucidar e criticar o elitismo e as opressões de raça dentro do próprio feminismo. Apresenta ainda a problemática da culpa, como elemento paralisante da luta, e argumenta que a emancipação de gênero, raça e classe apenas ocorrerá por meio de um movimento que possibilite a união entre diferenças. Conclui apontando a necessidade de construir um feminismo que cresça ao abraçar críticas e floresça ao realizar autocríticas, isto é, um movimento amplo que acolhendo raivas, some lutas.

Palavras-Chave: Audre Lorde; Antirracismo; Feminismo; Mulheres.

A herança patriarcal espera das mulheres docilidade e obediência. Ao expressarmos a raiva e a indignação que sentimos frente às opressões, dirigem-se a nós horror e desprezo. Associar as reações e posicionamentos das mulheres e suas raivas à histeria e à loucura tem por efeito não apenas diminuir e menosprezar as causas por elas defendidas e os questionamentos por elas elucidados, mas também deslegitimá-las ao transformar pautas sociais e estruturais em problemas pessoais e restritos à subjetividade das mulheres.

São muitas as práticas que as silenciam com o objetivo de garantir a permanência das estruturas que as oprimem e que beneficiam grupos historicamente privilegiados. Trata-se de uma sociedade de herança também escravocrata, o que não se limita aos homens. Adicionar o recorte de raça à equação evidencia que o patriarcado, o machismo e o racismo influenciam, também, o modo como as mulheres se comportam e se dirigem umas às outras. Assim, mulheres negras, como lembra Lorde, lidam cotidianamente com questões de gênero e raciais. Evidenciando a relação entre racismo e sexismo, Audre Lorde argumenta:

Nós não estamos aqui enquanto mulheres analisando racismo em um vácuo político e social. Nós operamos nos dentes de um sistema onde o racismo e o sexismo são primários, estabelecidos e propriedades necessárias de lucro (LORDE, 2019 [1984], p. 160).

Destaca, desse modo, que mesmo mulheres quando amparadas por privilégios raciais e de classe, podem contribuir para a manutenção do racismo. Neste sentido, Audre Lorde argumenta que a raiva, como uma reação ao ódio a ela direcionado enquanto mulher negra e

¹ Universidade Federal de São Carlos, lmlarissa26@gmail.com

lésbica, quando organizada e direcionada com precisão, é uma fonte de energia que alimenta a luta e fomenta transformações. Não se trata, contudo, de mudanças pontuais e pouco efetivas, de simplesmente ocupar determinados espaços ou ser respeitada em determinados ambientes, ou ainda, de buscar suavizar tensões. Ansiamos por mudanças no sentido radical de rompimento — a erradicação das opressões —, e a criação de um mundo novo onde não haja possibilidades nem meios para reconstruir e reproduzir velhos padrões.

Desse modo, a raiva nos coloca em movimento e nos leva a compreender a amplitude de violências direcionadas às mulheres de acordo com o recorte que fazemos e com o grupo ao qual pertencem. Em outras palavras, mulher é a categoria comum, mas não é o critério último das opressões. Um exemplo disso é o discurso de Sojourner Truth de 1851, após discorrer sobre a diferença entre o tratamento recebido por mulheres brancas e mulheres negras, Truth questiona “E eu não sou uma mulher?” (TRUTH, 1851), elucidando que a luta por direitos ao voto de mulheres que ascendeu na época era falha em incluir mulheres negras por desconsiderar completamente as opressões raciais.

Na mesma perspectiva, conforme Angela Davis discorre em *Mulheres, Raça e Classe* sobre o sufrágio feminino nos Estados Unidos: “mulher era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino...” (DAVIS, 2016 [1981], p.46). Essa referência explicita a gravidade da questão e a dificuldade (ou recusa) que o feminismo ascendente da época — branco e elitista — teve para incluir mulheres não-brancas e pobres, como pessoas cujas opressões também configuram pautas relevantes no debate e, sobretudo, para enxergá-las como aliadas na luta. Problemática que, infelizmente, se mantém no interior do movimento feminista até os dias atuais. Segundo Lorde, falhar em reconhecer esse aspecto da opressão é contribuir para mantê-la, sabendo que, desse modo, ela ameaça não apenas a mim, mas a todas as mulheres, ainda que de formas diferentes (LORDE, 1981).²

Nesse sentido, é crucial o desenvolvimento de um feminismo amplo o suficiente para abarcar as críticas e corajoso o suficiente para realizar autocríticas — não apenas evidenciando a necessidade de transformações, mas tomando ações concretas, como as que devem ocorrer dentro do próprio movimento. Ao compreender e acatar a raiva dirigida a mim, ao invés de silenciá-la, admito que, em meu lugar de mulher branca, tendo a reproduzir preconceitos e opressões. Ouvir a raiva permite, portanto, que me movimente em direção a

² O discurso aqui mencionado foi proferido em 1981. O livro *Sister Outsider*, foi publicado em 1984. Este artigo aqui faz referência a duas traduções, conforme referido nas referências bibliográficas.

encará-la criticamente e adotar uma postura ativa, consciente e revolucionária, em oposição à paralisação e à culpa. A esse respeito, Lorde afirma:

...muito frequentemente, culpa é apenas mais uma resposta para impotência, para defensividade destrutiva de comunicação; se torna uma ferramenta para proteger a ignorância e a continuação das coisas como são, a mais nova proteção da falta de mudança. Havia trabalho em expressar raiva, mas muito pouco sobre raiva vinda de uma mulher e direcionada a outra mulher. Culpa é apenas mais uma forma de evitar ação informada, de comprar tempo da necessidade de fazer escolhas limpas, **fugir da tempestade que se aproxima e que pode alimentar a terra ou quebrar árvores.** (LORDE, 2013 [1981], n.p., grifo adicionado)

É necessário, portanto, reconhecer privilégios e saber, principalmente, que mesmo as tempestades que quebram as árvores e destroem as florestas devem ser acolhidas, pois nenhum movimento pode crescer e florescer sem antes fortalecer suas raízes. Assim, enquanto mulheres brancas, devemos escolher presenciar a tempestade e tomar ações concretas de modo a nutrir o solo e contribuir para trazer à vida feminismos que, unidos pelas raízes, possam crescer fortalecidos. Em outras palavras, opressões estruturais devem ser combatidas por todas. A raiva a mim direcionada pode ser potente em construir alianças em meio a diferenças, pois, reconhecê-las, compreendendo meu espaço enquanto aliada, permite me posicionar contra o racismo e defender que a luta das mulheres seja antirracista.

Assim, frente às opressões e violências que se articulam, resta às pessoas brancas o reconhecimento de privilégios e urge a necessidade de abdicar de comportamentos que corroboram com o racismo e a misoginia. Para que finalmente possamos seguir rumo à construção de um movimento feminista que, fortalecido pela interseccionalidade, seja, também, antirascista. Seguindo a mesma perspectiva, argumento que a raiva é revolucionária. Isso porque aumentar a voz contra quem nos oprime, enfurecer-se frente à opressão, não permitir-se calar é o primeiro passo em direção a uma sociedade mais digna e justa para não só as mulheres, mas para todas as minorias.

A raiva é o pulsar inconformado que ressoa aos meus ouvidos, atravessa meu corpo e me lembra constantemente que, apesar da rebeldia de nossas antecessoras ter, de fato, transformado alguns aspectos da nossa realidade, ainda há muitas feridas profundas, abertas e dolorosas que precisam de cuidado. Destarte, a raiva é o que me impede de esmorecer diante de abusos, opressões e feminicídios. É o que me faz corajosa para desafiar e questionar, para reunir forças e me unir a outras mulheres — amigas, colegas ou desconhecidas — visando fomentar mudanças e impedir que nos aprisionem, nos silenciem e nos matem.

Enquanto mulher, portanto, a raiva é o combustível que me move, me mantendo irresignada e disposta a superar minhas dificuldades pessoais em nome da luta coletiva.

Enraivecer-se diante das opressões é um lembrete frequente não somente de que “nenhuma mulher é livre enquanto outra for prisioneira”, como afirma a Lorde (1981), mas também que todas permaneceremos prisioneiras enquanto não orientarmos nossa raiva coletivamente em uma luta organizada e de formação, condicionada por e direcionada a interesses comuns, através da identificação mútua. É o momento em que descartamos a opressão como única realidade possível e ousamos sonhar e lutar por um futuro digno para todas.

Por fim, compreendo que a raiva é o alimento de uma luta que, quando compartilhada por mulheres em suas diferenças, permite a construção de intersecções potentes. A raiva delimita o horizonte onde se quer chegar e dessa maneira, engendra a luta em seu molde mais coerente — radical, emancipadora, revolucionária. Enraivecer-se, portanto, é discordar, é não se conformar, é posicionar-se contra ordens e leis que favorecem partes mínimas e dizimam massas. É não ser conivente. É colocar-se em movimento, escolher aprender e se colocar como agente transformador — de si e do mundo —, é juntar forças e abrir caminho para que muitas outras também possam passar, como sugere Lorde: “Nós acolhemos todas as mulheres que podem nos encontrar, frente a frente, para além da objetificação e para além da culpa.” (LORDE, 2013 [1981], n.p.).

Assim, enquanto mulheres brancas no feminismo, devemos abandonar a necessidade pungente de entender a raiva de outrem como apenas uma crítica pessoal, cujo reflexo é a culpa, e passar a ter uma postura ativa e coerente visando destruir todas as formas de opressão — inclusive as que nos favorecem. Dessa maneira, Audre Lorde (1981) argumenta que a culpa é solo infértil para a construção da luta, isto é, por si só a culpa branca é aliada às opressões racistas, visto que não fomenta transformações — de nada adianta sentir-se culpado e não colocar-se em movimento, ou seja, contribuir conscientemente para mudar a si e ao mundo.

Todavia, a minha raiva só me move até certo ponto. Quando a discussão ultrapassa o gênero, como mulher branca, devo escutar atentamente a raiva que é direcionada a mim, isso porque a luta só é verdadeiramente coletiva quando somo a raiva de outras à minha. Desse modo, então, a raiva me move porque a raiva une, a raiva ampara, a raiva acolhe, a raiva constrói e, principalmente, a raiva fomenta a luta. A luta das mulheres muda o mundo.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, [1981] 2016.

LORDE, Audre. **Os Usos da Raiva: Mulheres Respondendo ao Racismo.** In: LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, [1981] 2019, p.155-169.

_____, Audre. **Os Usos da Raiva: Mulheres Respondendo ao Racismo.** In: Portal Geledés, [1981] 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/os-usos-da-raiva-mulheres-respondendo-ao-racismo/>>. Acesso em: Outubro, 2020.

TRUTH, Sojourner. **E Eu Não Sou Mulher?** In: **WOMEN'S RIGHTS CONVENTION**, Estados Unidos, 1851. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: Outubro, 2020.